

**POÉTICA DA PRECARIEDADE E  
ELOGIO À ERRÂNCIA EM JOÃO  
ANTONIO: O EXEMPLO DE *CALVÁRIO  
E PORRES DO PINGENTE AFONSO*  
*HENRIQUES DE LIMA BARRETO***

*Mariana Filgueiras de Souza*

*Orientadora: Eurídice Figueiredo*

Mestranda

RESUMO: Em 1970, os relatos de um interno do Sanatório da Muda, no Rio de Janeiro, serviram de fonte para que o escritor e jornalista João Antonio escrevesse o livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, publicado em 1977. O paciente, Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, internado no hospital psiquiátrico com esclerose diagnosticada, havia sido diretor de importantes periódicos do início do século XX, e conheceu João Antonio no próprio sanatório, depois que o jornalista internou-se na mesma instituição, alegando estafa. De acordo com os depoimentos que deu a João Antonio, Carlos Alberto havia conhecido Lima Barreto no final de sua vida, quando o escritor vagava de bar em bar, como relatam os biógrafos Francisco de Assis Barbosa e Lilia Schwarcz. Narrado em primeira pessoa, o *Calvário...* detalha a rotina boêmia de Lima Barreto segundo as lembranças de Carlos Alberto: os botequins que freqüentava, as bebidas que tomava, as turmas que o cercavam, os assuntos de balcão. Este artigo analisa o livro à luz de dois conceitos. Primeiramente, discute a maneira pela qual João Antonio pôs em prática o que Maria Zilda Cury definiu como uma “poética da precariedade”, caracterizada por um corpo-a-corpo com a vida, ao criar uma possibilidade narrativa em um discurso marginalizado depois de internar-se por conta própria num sanatório, como revelam documentos da época. E também investiga como, ao atribuir àquelas memórias confinadas em espaços marginais – o bar, a rua, o sanatório – um novo sentido literário, compartilhando uma experiência comum de alteridade, João Antonio pratica o que Paola Berenstein Jacques definiu como “elogio à errância”.

PALAVRAS-CHAVE: João Antonio; Lima Barreto; marginal; precariedade; errância

Na apresentação da coletânea de ensaios *Os pobres na literatura brasileira*, o organizador Roberto Schwarz lança a seguinte pergunta: “Como se define e representa a pobreza na literatura brasileira?”. Para ele, a posição da literatura diante do pobre “é uma questão estética radical”, por duas razões de partida: primeiro, pelo fato de a omissão sistemática dos subalternos<sup>1</sup> na expressão literária ter motivações ideológicas, e segundo, pelo fato de tanto a sociedade quanto a expressão literária dessa mesma sociedade enfrentarem, na origem, a mesma crise:

Valha lembrar que as crises da literatura contemporânea e da sociedade de classes são irmãs, e que a investida das artes modernas contra as condições de sua linguagem tem a ver com a impossibilidade progressiva, para a consciência atualizada, de aceitar a dominação de classe (SCHWARZ, 1983, p. 7).

Se o romantismo representava a pobreza pelo pitoresco, mascarando-a pelo tom rústico (SANTIAGO, 1983), obras realistas como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, oferecem um ponto de vista de virtude à pobreza, e os sertanejos aparecem como austeros e heróicos, como observa Walnice Galvão: “Sua existência é dedicada a combater o meio inclemente, a terra estéril, vegetação agressiva, secas, bichos. Tudo isso dá têmpera ao caráter” (GALVÃO, 1983, p. 51). Não foi diferente no modernismo brasileiro, onde a pobreza também oscilava entre uma aproximação pitoresca ou virtuosa, ou como tema de investigação de luta, como em Oswald de Andrade (BOAVENTURA, 1983, p. 129). Mas, ainda assim, como objeto, com esparsos casos em que ao pobre foi legitimada a condição de sujeito, como em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.<sup>2</sup>

Foi no final da década de 90, mais precisamente em 1997, com o aparecimento de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, que tornaram-se mais evidentes os escritores periféricos que rompem a posição de objeto para entrar “na cena literária utilizando a literatura enquanto veículo de um discurso político formado no desejo de auto-afirmação” (PATROCÍNIO, 2013, p.12). Um grupo heterogêneo, que atua sobre as bases de associações comunitárias, e que deu

<sup>1</sup> De acordo com Silviano Santiago, que faz equivalência entre o “pobre” e o “subalterno” no artigo “Atenção às memórias do subsolo”, publicado no jornal O Estado de S. Paulo em 12 de junho de 2010, ambos os conceitos têm uso analítico elástico e eficiente, “propício a outra apreensão das letras nacionais, cujo chão seria pavimentado pela “história dos vencidos”, para usar a nomenclatura consensual” (SANTIAGO, 2010, p. 2).

<sup>2</sup> A obra *Os pobres na literatura brasileira*, organizada por Roberto Schwarz, abarca 30 ensaios que fazem um panorama da história literária brasileira em relação à figura do pobre, desde os “vadios na literatura colonial do século XVIII” à “conspiração do silêncio” das mulheres de Tijucoapo, em referência ao romance de Marilene Felinto.

origem a um movimento literário, a literatura marginal, começa a chamar atenção da crítica, como observa Paulo Roberto Tonani do Patrocínio em *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*: “O interesse provém do caráter de ineditismo da proposta de intervenção literária, posto que estes autores residem no próprio espaço subalternizado que serve de inspiração para suas obras” (PATROCÍNIO, 2013, p. 13).

Ainda que representada de maneira distinta, ora como objeto, ora como sujeito que articula o objeto, a pobreza é um tema recorrente na literatura brasileira. Desde os vadios na literatura colonial do século XIX aos detentos cantados por Mano Brown, dos escravos de Castro Alves aos netos de escravos de Conceição Evaristo, a precariedade que forma a base social brasileira está refletida na nossa expressão literária, e provoca um “importante debate acerca da constituição de novos sujeitos discursivos no cenário cultural brasileiro, promovendo a discussão sobre os limites da crítica literária frente a este novo objeto” (PATROCÍNIO, 2013, p. 13).

### **Poética da precariedade na literatura brasileira**

Mas o fato de a precariedade ser tema também faz com que determine a estrutura do texto, como nos indica Antonio Candido em *Literatura e sociedade?* Em outras palavras, e lembrando Milton Santos, para quem “a noção de pobreza, ligada desde o início a uma condição de escassez, não pode ser estática em toda parte” (SANTOS, 2009, p. 18), será que podemos caracterizar uma poética da precariedade na literatura brasileira? “Quais são as questões conceituais referentes à criação de espaços de enunciação que tornem audíveis as vozes da margem do sistema, aquelas vozes produzidas no lado menos jubiloso da globalização?” (CURY, 2013, p. 40).

No ensaio “Poéticas da precariedade”, Maria Zilda Ferreira Cury observa no conto *Muribeca*, de Marcelino Freire, em que toda ação se passa em um aterro sanitário no Recife, algumas características do texto que podem indicar os caminhos de uma poética da precariedade na literatura brasileira contemporânea: a valorização da oralidade; uma certa apropriação irônica da retórica de bem-estar social (ou dos “discursos oficiais”); e uma reiteração do espaço literário como um local privilegiado de enunciação.

Estéticas da precariedade e da resistência ao esquecimento são marcas da arte contemporânea, lugares discursivos que assumem a precariedade como temática e como modo construtor de suas excêntricas (fora do centro, marginais) enunciações. (...) A literatura ofereceria essa possibilidade de criação de um espaço onde sempre é o outro que fala. (CURY, 2013, p. 44)

Um dos autores brasileiros que inscreveu, em seu tempo, e com características próprias, uma “poética da precariedade” foi o escritor João Antonio. Nascido em uma família pobre de imigrantes portugueses, no subúrbio de Presidente Altino (SP), o jornalista e escritor foi alçado ao sucesso com a publicação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* em 1963, obra sobre três jogadores de sinuca que lhe rendeu dois prêmios Jabuti. Em seus 15 livros, que incluem na maior parte contos, João Antonio se fixa nas histórias e personagens que circulam às margens: meninos de rua, malandros, pedintes, prostitutas, vagabundos.

A questão, na obra de João Antonio, parece ser, ao longo da sua trajetória, desenvolver um projeto literário que procure representar a experiência popular, em especial a da população urbana socialmente marginalizada ou do trabalhador pobre, sem soluções políticas presentes no entrecho, mas apenas latentes, vazadas em forma de denúncia (BASTONI, 2016, p. 79).

Em 1976, João Antonio escreve um manifesto em defesa desta aproximação do escritor brasileiro com o realismo, o texto “Corpo a corpo com a vida”, publicado como posfácio à edição de *Malhação do Judas carioca*. Para ele, “o distanciamento absurdo do escritor de certas faixas da vida deste país só se explica pela sua colocação absurda perante a própria vida” (ANTÔNIO, 1976, p. 143) – e enuncia o que acha que deva ser feito, e o que ele garante fazer, na literatura, uma busca mais comprometida com o realismo:

Necessidade de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra. [...] Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma. (ANTÔNIO, 1976, p. 146)

O “corpo-a-corpo com a vida” é a própria poética de João Antonio. Que se caracteriza por uma aproximação voraz do escritor com o tema retratado, de maneira que a

própria forma do texto se aproprie do tema. No mesmo manifesto, ele cita o exemplo do que fez em seu primeiro livro, *Malagueta, Perus e Bacanaço*:

O elemento que mais me leva a acreditar em Malagueta, Perus e Bacanaço como coisa viva se arruma exatamente no fato de que vi meus jogadores de sinuca, viradores, vadios, vagabundos, merdunchos, do ponto de vista deles mesmos. E não do escritor. No meu caso particular, até por questões de vida, não poderia enfrentá-los sob nenhuma outra ótica. Eu vivi a aventura de Malagueta, Perus e Bacanaço um pote de vezes. [...] Sair da Lapa, catar a Barra Funda, desguiar para o centro da cidade, pegar os lados de Pinheiros, procurando jogo e acabar na Lapa, era a aventura diária de quem estava naquele fogo. (ANTÔNIO, 1976, p.150)

No ano seguinte à publicação do texto “Corpo a corpo com a vida”, em 1977, João Antonio lançou um livro que estava preparando havia sete anos: *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. É uma obra que exemplifica esta “poética do precário” própria de João Antonio, caracterizada pelo “corpo-a-corpo com a vida”, pelo fato de ter sido feita a partir de um mergulho intencional do escritor em um hospital psiquiátrico, onde conviveu com internos. E pelo fato de a própria experiência ter determinado a forma da narrativa, sem gênero definido, sendo uma espécie de colagem não-linear de um relato testemunhal de um paciente do sanatório com excertos de crônicas, contos e romances de Lima Barreto – como se a própria sequência de cenas seguisse esse “calvário” bêbado do título, esse percurso errante, fazendo com que a narrativa de Carlos Alberto tropeçasse na narrativa de Lima, como supostamente acontecia na vida real. E como aconteceria ao próprio João Antonio: depois do encontro com Carlos Alberto foi que ele “tropeçou” na literatura de Lima Barreto, como contaria depois a amigos em cartas e em entrevistas.

#### **‘Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto’**

O livro tem história peculiar. Em maio de 1970, alegando estafa no trabalho como repórter da revista Manchete, João Antonio pediu à própria mulher, Marília Mendonça, que o internasse no Sanatório da Muda, na Tijuca, Rio de Janeiro. Em depoimento ao escritor Mylton Severiano, no livro *Paixão de João Antonio*, Marília conta como João lhe fez o pedido “estranhíssimo, de interná-lo como louco”. “Ele chegou em casa e falou: Olha, quero paz para escrever. Esse negócio de jornalismo está me deixando louco. E o único jeito de eu



escrever vai ser num hospício (...) Me deram este endereço, você me leva lá e diz que não estou bom da cabeça” (ANDRADE apud SEVERIANO, 2005, p. 150).

Ficou lá internado por dois meses, quando conheceu outro interno, Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, de 72 anos. Diagnosticado com esclerose, havia sido diretor do *Diário de Notícias* e subsecretário de redação de *O Jornal*, importantes periódicos do início do século XX. Carlos Alberto contava histórias boêmias do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto, quem havia conhecido em 1916 (Lima morreria em 1922).

De acordo com os depoimentos que deu ao jornalista, ele havia conhecido Lima Barreto no final de sua vida, quando o escritor vagava de bar em bar. Carlos Alberto citava cada bar pelo qual Lima Barreto passava, recordava os assuntos que se falava à época nos balcões, histórias curiosas dos frequentadores e detalhes do comportamento de Lima naqueles ambientes.

O relato testemunhal refazia o percurso boêmio do escritor, mas do ponto de vista de dentro dos bares, com detalhes desconhecidos à época, mesmo para o primeiro biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa. Escrita por ele em 1952, a biografia *A vida de Lima Barreto* passaria a incorporar o relato de Carlos Alberto nas edições posteriores a 1977.

João ficou tão envolvido pelos relatos do novo amigo que aproveitou para mergulhar nos livros de Lima Barreto que estavam na biblioteca do hospital psiquiátrico, como contaria posteriormente em artigos de jornal. Depois que saiu do hospital, guardou os registros daquelas conversas por sete anos, até que editou o material e transformou no livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Na nota prévia do livro, João Antonio explica que a obra não é de sua autoria:

Este roteiro dos bares urbanos frequentados pelo amanuense Afonso Henriques de Lima Barreto me foi passado [...] pelo professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, homem tido e havido como caduco, maníaco e esclerosado [...] Os textos em destaque são de e em torno de Lima. Assim, não há aqui uma palavra minha. Como um montador de cinema, tesoura em punho, dei ritmo e respiração ao trabalho alheio. Participei, se muito, na linguagem da versão final do depoimento” (ANTÔNIO, 1977, p. 17).

A passagem pelo sanatório lhe renderia, portanto, matéria literária para um livro, um mergulho na obra de Lima Barreto, que tanto seria ressaltada em seus futuros livros (a partir

de então, João Antônio dedicaria todos a Lima Barreto); e João Antonio escreveria ainda um conto sobre a experiência geral no hospital, intitulado “Casa de Loucos”, que viraria título de outro livro.

Quando a noite é calma e se pode dormir, o dia começa cedo no sanatório. De primeiro, o que se sabe nas manhãs vem da voz assim empastada, negra, de morro, anasalada e quente, meio moleque e meio triste do crioulo Leovigildo, faxineiro (ANTÔNIO, 1994, p. 135).

No entanto, em entrevista ao amigo e jornalista Ary Quintella, João Antônio avalia mal o período em que ficou internado:

AQ: E você saiu do sanatório tranqüilo, recuperado, passado a ferro?

JA: O que vi no sanatório e que descrevo em *Casa de Loucos*, deixam bem claro que ninguém sai de lá recuperado.

AQ: Você saiu recuperado.

JA: Vamos dizer: mais calmo. Aliás, seria necessário conceituar – ocidentalmente – o que seja loucura. Porque a loucura está ligada – inapelavelmente – ao processo de criação. O estado de criação é um estado que se aproxima ao da loucura. (...) A criação tem o mesmo tipo de febre, quebrando valores tradicionais, contestando, etc. Qualquer tipo de mau comportamento na nossa sociedade é uma loucura, extrapola, sai do pequeno burguês (ANTONIO apud QUINTELLA, sem data, p. 2).

Ao longo da vida, foi dando mais pistas do processo de feitura do livro. No artigo “Lima Barreto aqui e lá fora”, publicado no *Jornal do Brasil* em 2/12/1978, João Antonio fala sobre como redescobriu Lima Barreto nesta fase, autor que seria uma de suas principais referências literárias quando retoma a vida literária:

Algumas informações que o professor Nóbrega me passava contrastavam violentamente com o que eu sabia pelas leituras disponíveis, poucas, é verdade, sobre o criador de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cuja bibliografia é pobre. [...] terminada a coleta do depoimento, passei alguns anos estudando o que faria com ele, enquanto lia a relia os deixados de Lima e me assustava com sua atualidade (ANTÔNIO, 1978, p.4)

Vale notar que, apesar de ter chamado o local de “Casa de loucos” e de associar o espaço da loucura ao espaço da criação, em nenhum dos relatos que faz em jornais da época sobre o processo de feitura do *Calvário*... João Antônio põe em xeque a veracidade dos relatos, tampouco pondera o fato de sua fonte ter sido diagnosticada com esclerose, o que

poderia comprometer a recepção da obra. João Antônio não parece interessado em fiscalizar o realismo do depoimento.

O “corpo-a-corpo com a vida” que caracteriza sua poética, neste caso, parece ter mais a ver com a vivência voluntária em um sanatório, onde se meteu e de onde tirou matéria literária para duas obras; com a valorização da própria memória de vivência de Carlos Alberto Nóbrega da Cunha nas ruas; e com a conseqüente valorização da vivência marginal do próprio Lima Barreto pelos bares do Rio.

Na mesma entrevista a Ary Quintella, João Antonio demonstra apreço pelo encontro com o interno Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, que, indiretamente, foi seu grande encontro com Lima Barreto:

Esse senhor sofria de esclerose, era tido como maluco. Todavia, foi um dos homens mais lúcidos, mais brilhantes e imaginativos que jamais conheci. Ele tivera uma grande intimidade com o Lima e a literatura do Lima. Por causa dele, aproximei-me muito do Lima, li tudo do Lima inclusive cartas. E surgiu-se essa admiração pelo Lima, que crescia mais a cada dia. Penetrei fundamente na obra do Lima e reconheci que se tratava de um grande escritor, o escritor brasileiro por excelência, independentemente de escolas, de épocas. (...) Lima foi o que mais se aproximou do pobre diabo, do homem de subúrbio, do miserê sem grandeza nacional, daquela camada que não tem nenhum traço folclórico (ANTÔNIO, apud QUINTELLA, sem data, p. 1).

A obra tem início com o narrador contando como conheceu Lima Barreto.

Conheci-o por volta de 1916. O primeiro ponto de parada de Lima Barreto em suas andanças e bebericagens pelos bares urbanos era um barzinho da rua Sachet (entre as ruas 7 de Setembro e do Ouvidor). (...) Pedia parati. Recusava qualquer outra bebida alcoólica, inclusive cerveja. Note-se que era uma época alcoólica – fernet, capilé (um traçado), etc. (...) Lima passava rapidamente pela livraria, demorando-se cinco a dez minutos. E dirigia-se ao bar, onde, conforme os presentes, às vezes ficava pouco tempo, e outras, passava até as cinco horas da tarde (ANTONIO, 1977, p. 23)

Em meio ao relato testemunhal de Carlos Alberto, João Antonio salpicou trechos de crônicas, contos e romances de Lima Barreto, numa colagem literária que estimula a ambientação do leitor no imaginário de Lima Barreto. É como se ele fizesse trombar a



narrativa com a presença evocada de Lima. Ou como se interrompesse o “calvário” de Lima pelos bares cariocas com seus próprios temas, cenários e personagens.

### “Elogio à errância” em João Antônio

Neste sentido, *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* também pratica o que Paola Berenstein Jacques define como “elogio aos errantes” (JACQUES, 2006, p. 117), pelo fato de fazer uma apologia da experiência da cidade, reconhecendo a possibilidade estética de quem experimenta a cidade através das errâncias.

No início do século XX, quando a narrativa de *Calvário*... acontece, o Rio de Janeiro passava por uma modernização que havia começado na gestão do prefeito Pereira Passos. Lima Barreto foi testemunha ativa deste processo em seus contos e crônicas, que muitas vezes criticavam as mudanças pelas quais a cidade passava. Seu ponto de observação era a rua.

No Rio de Janeiro, Lima Barreto estava por toda parte e sempre em trânsito. Seu ambiente eram tanto os subúrbios como as ruas da capital (...) Era no vagão de segunda classe, frequentado cotidianamente, que ele tinha a oportunidade de observar melhor a realidade dos humildes e infelizes, e achava fermento para seus personagens: modinheiros, donas de casa, mocinhas sonhadoras, funcionários públicos, boêmios simpáticos, andarilhos filósofos, donos de bar tagarelas, trabalhadores do centro da cidade” (SCHWARCZ, 2017, p.10).

E não é só a errância de Lima Barreto que é “elogiada” na obra de João Antonio, mas também a própria errância de um paciente de um sanatório, cujo discurso estava alijado da sociedade, inscrito em um ambiente marginalizado. É um “elogio à errância” praticado de forma ainda mais original e complexa: ao identificar uma possibilidade estética no fragmento dessas memórias inscritas em territórios marginais – o bar, a rua, o sanatório – valorizando a experiência urbana de alteridade, João Antonio pratica a errância como potente destabilizador da hegemonia do sensível, construindo novas subjetividades, como Jacques Pontua:

A principal potência em questão está na construção e na (contra)produção de subjetividades, de sonhos e de desejos. Assim, as narrativas urbanas resultantes dessas experiências realizadas pelos errantes, sua forma de transmissão e compartilhamento, podem operar como potente



desestabilizador de algumas partilhas hegemônicas do sensível e, sobretudo, das atuais configurações anestesiadas dos desejos (JACQUES, 2006, p. 11).

Num momento em que as cidades oferecem experiências urbanas cada vez mais pasteurizadas, e sem horizonte de solução para o tema central da precarização, lembrar da poética inscrita por João Antonio em seu “corpo-a-corpo com a vida”, a exemplo desse *Calvários e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* – obra na qual pratica de maneira original, como vimos, um elogio à errância, em que a valorização da experiência urbana atua sobre a própria forma do texto – é um estímulo para insistirmos em um modelo de literatura que amplie cada vez mais o exercício de alteridade.

## REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, João. “Corpo-a-corpo com a vida”. In: *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ANTÔNIO, João. (org.) *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- ANTÔNIO, João. *Casa de Loucos*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ANTÔNIO, João. Artigo “Lima Barreto aqui e lá fora”, publicado no *Jornal do Brasil* em 2/12/1978.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2017.
- BASTONI, Júlio Cezar Bastoni da Silva. *Estado da ralé: da pobreza à miséria na obra de João Antônio*. In: *Literatura e sociedade*. N. 22. São Paulo, 2016.
- BRANDÃO, Ludmila; PRECIOSA, Rosane. Precariedade e invenção no Brasil contemporâneo. In: Congresso Internacional da Brasa. N. 9. New Orleans, 2008.
- CURY, Maria Zilda. *Poéticas da precariedade*. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. N. 41. Brasília, jan/jun. 2013.
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade. In: JEUDY, Henri Pierre; BERENSTEIN, Paola (org.). *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, PPG-AU/FAUFBA, 2016.



PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. 1a. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2013.

QUINTELLA, Ary. *A gente cai, a gente se levanta – João Antônio contista brasileiro*. [sem referência à fonte] Documento do “Acervo João Antônio”, depositado na F.C.L – UNESP – Assis (Coleção Jácomo Mandatto).

SANTIAGO, Silvano. “Atenção às memórias do subsolo”, artigo publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 12/06/2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste visionário*. 1a. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARZ, Roberto. (org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antonio*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

SILVA, Telma Maciel. *Posta restante: um estudo sobre a correspondência do escritor João Antônio*. Tese (doutorado). Assis: Unesp, 2009.

WALTY, Ivete. Cinco mulheres: vozes em ricochete. *Revista de Estudos Brasileiros Contemporâneos*, n. 41. Brasília: UnB, 2013.